O ITINERÁRIO DE UM ANTROPÓLOGO

ROQUE DE BARROS LARAIA
Universidade de Brasília

Foi em 1958, no antigo prédio da Faculdade Nacional de Filosofia, durante o 1º Encontro Nacional de Estudantes de História, quando eu fazia parte da delegação mineira, que vi pela primeira vez Julio Cezar Melatti. Era ele, então, aluno do curso de Geografia e História da Universidade Católica de Petrópolis. O representante do curso de História da Universidade Federal Fluminense era o estudante Roberto Augusto da Matta. Três anos depois, eu e Matta reencontramos Melatti no Museu Nacional. Nós na condição de professores, e ele de aluno, do Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social, dirigido por Roberto Cardoso de Oliveira. No meio desse ano tão conturbado politicamente, pela renúncia de Jânio Quadros e pela resistência dos militares à posse de João Goulart, partimos para o médio Tocantins para realização de duas pesquisas de campo. Após alguns dias de modorrenta permanência em Marabá, Melatti partiu para a aldeia Gavião, na qualidade de assistente de pesquisa de Roberto Da Matta. Não foi uma experiência fácil, ao chegarem à aldeia do Cocal encontraram apenas seis pessoas com as quais passaram um mês. No mês seguinte, chegaram mais 19 índios. "Eles eram apenas uma parcela dos Gaviões existentes, remanescentes de um grupo de cerca de noventa pessoas, das quais grande parte havia morrido" (Melatti, 2002a: 182). Enquanto isso, eu e Marcos Magalhães Rubinger seguimos para a aldeia Suruí. Assim, nós quatro, tivemos ao mesmo tempo o nosso batismo de campo.

No ano seguinte, já como um pesquisador autônomo, Melatti iniciou o seu trabalho de campo entre os índios Krahó. Embora Curt Nimuendajú tenha visitado esta aldeia muito antes que ele, pode-se dizer que esta foi a primeira pesquisa completa realizada sobre aqueles índios. E, sobretudo, foi

Anuário Antropológico/99: 27-35.
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002

um pesquisa proveitosa. Os dados coletados por Melatti permitiram-lhe defender, em 1970, a sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo: *O Sistema Social Krahó*, orientada pelo Professor Egon Schaden.

O modelo da tese segue o das mais tradicionais monografias antropológicas. O território e a utilização de seus recursos é o título do capítulo que precede três outros sobre parentesco: sistema de parentesco: os grupos; sistema de parentesco: terminologias e atitudes; sistema de parentesco: a ordenação de seus elementos. Estes são seguidos por um capítulo, da mesma natureza: a participação dos indivíduos no sistema social segundo a idade e o sexo. Dois capítulos tratam do sistema político: suas unidades e formas de lideranças. Os três capítulos finais tratam do sistema ritual. Estes foram, posteriormente, desmembrados da tese, revisados e acrescidos dos dados coletados na pesquisa de campo de 1971 e transformados no livro *Ritos de uma Tribo Timbira* (Melatti, 1978a). É necessário lembrar que todos estes capítulos foram precedidos de uma introdução e um capítulo sobre o balanço do contato interétnico. É uma pena que este magnífico trabalho nunca tenha sido publicado integralmente. Trinta e dois anos após a sua defesa, não me recordo de qualquer explicação do Autor sobre os motivos dessa decisão.

Grande trabalhador de campo, conhecedor do corpo teórico da disciplina, eficiente professor e orientador, além de todas as suas qualidades pessoais, Julio Cezar Melatti não tem muita sorte com os seus editores. O seu primeiro livro, *Índios e Criadores* (1967), que trata da relação entre os índios estudados e a frente pioneira pastoril que, originária do Maranhão e do Piauí, ingressou no norte do antigo estado de Goiás, instalando um período de conflitos com os grupos Timbira, teve uma única edição que não se esgotou. Pelo contrário: sumiu. Teve o mesmo destino dos livros oficiais que não são vendidos...nem distribuídos! Não será surpresa, se algum dia alguém, abrindo a porta de um cômodo de um velho casarão do Botafogo, encontre pilhas do mesmo, como já aconteceu com um outro colega nosso. *Messianismo Krahó* (1972), por sua vez, não teve melhor sorte. A Editora não conseguiu colocar o livro a disposição de todos os seus prováveis leitores. Como o mesmo aconteceu com todos os outros livros editados, o desfecho foi o esperado; a editora fechou - e muitos exemplares foram vendidos a quilo para os compradores de papéis usados. A própria Editora de *Ritos de uma Tribo Timbira*, mais especializada na distribuição de livros escolares, desistiu da comercialização do livro e ofereceu os volumes restantes

para Melatti, que os comprou e passou generosamente a distribuir para as pessoas interessadas.

Mesmo o seu livro *best seller*, com oito edições[1], *Índios do Brasil* (1970), só foi um sucesso para os seus editores, pois o Autor jamais recebeu um tostão sequer de direitos autorais.

Talvez seja por tudo isto que ele preferiu se dedicar muito mais à publicação de artigos em revistas especializadas ou como capítulos de livros, tanto no Brasil como no exterior. Hoje, no entanto, os livros de Melatti são muito procurados por todos os estudiosos da etnologia brasileira, especialmente a que se refere aos Jê do Brasil Central. A propósito, é importante lembrar que ele e Roberto Da Matta foram os pesquisadores brasileiros do Projeto Jê do Brasil Central, parte do acordo Harvard-Museu Nacional, que abrigou numerosas pesquisas de antropólogos americanos, como Terence Turner, Joan Bamberg, Jean Lave, Dolores Newton, John Cristoffer Crocker, sob a coordenação de David Maybury-Lewis, autor da mais importante monografia sobre os Xavante.

Foi no âmbito desse projeto que Melatti deu prosseguimento à sua pesquisa entre os índios Krahó. Entre os resultados mais importantes de seu trabalho de campo, destacam-se dois artigos: "O Mito e o Xamã", publicado originalmente na *Revista do Museu Paulista* (1963), posteriormente em Lévi-Strauss et al., 1970, e também em inglês (cf. Lyon, 1974); e "Nominadores e Genitores: um aspecto do dualismo Krahó", publicado originalmente em 1968 e depois em Schaden, 1976.

O primeiro artigo consiste em uma análise do xamanismo entre os índios Krahó. Faz uma análise do depoimento de quatro homens, que descrevem as circunstâncias que os levaram a se transformar em xamãs. Comparando estas histórias, que denomina de mitos individuais, chegou a conclusão que elas tinham algo de comum entre si: "narram eventos semelhantes colocados numa mesma ordem diacrônica" (Melatti 1963: 63). Utilizando-se da técnica desenvolvida por Claude Lévi-Strauss ordenou esses eventos em "mitemas". O passo seguinte foi compará-los com o "mito coletivo", a história de Turkren, um homem que subiu aos céus após passar por uma série de provações. No céu, adquiriu os seus poderes e quando voltou à terra ensinou aos Krahó como fazer a festa Pemb-Kahok. Em sua análise, Melatti de-

1. Além de uma edição mexicana em 1973.

monstrou que ao se tornarem Xamãs, "alguns indivíduos, se não todos, reviviam o mito de Turkren" (: 67). Em outras palavras, o "mito coletivo" serve de modelo para aqueles que desejam adquirir os poderes necessários para a prática xamanística. Este artigo, sem dúvida, constitui um bom exemplo de como o mito se relaciona com o rito. Sete anos depois da primeira publicação, Melatti redigiu uma nota suplementar, na qual sugere a supressão do último mitema dos mitos individuais (o homem perde os poderes recebidos), afirmando:

> No mito de Turkren, este herói não perde os seus poderes mágicos. E parece que os xamãs também não perdem os seus. Aqueles que me afirmaram ter deixado de ser xamãs, percebi que continuavam a exercer normalmente as suas atividades mágicas. Portanto, mentiram nas informações que me forneceram, provavelmente com receio de que eu os colocasse numa situação embaraçosa, exigindo que dessem uma demonstração de seus poderes ou lhes fizesse perguntas com relação ao delicado problema das acusações de feitiçaria. [Melatti, 1970: 76]

O segundo artigo é muito importante para a compreensão do parentesco Jê-Timbira, o que não é possível sem a compreensão plena de duas categorias sociais denominadas, por Melatti, de genitores e nominadores. Com efeito, os Krahó acreditam que "tanto o homem quanto a mulher contribuem com substâncias que formam o organismo do novo ser humano" (Melatti, 1968: 349). Mas, diferente de outros sistemas de descendência bilateral, "todo homem que tiver relações sexuais com a mulher grávida, contribui para a formação do organismo do filho que ela traz no ventre. Desse modo, o indivíduo só pode ter uma genitora, mas pode ter mais de um genitor" (: 349). Essa é uma ligação para toda a vida. Os males que afligem um dos genitores atinge também o indivíduo e vice-versa. Nominadores são os que transmitem o seu nome para o novo ser. Esses nomes fazem parte do repertório de nomes das metades *Wakmenye* ou *Katamye.* Os mesmos indicam os papéis que os seus portadores desempenham em certos rituais. Além disso, como nos informa Melatti, "cada nome está ligado a alguns outros por uma relação especial marcada pelo termo de parentesco *hõpí*" (: 350). As pessoas que assim se denominam "não devem conversar entre si, não podem pronunciar o nome do outro, não podem esboçar o mínimo gesto de agressão um contra o outro, nem mesmo medir forças na corrida de tora; devem manter o máximo de solidariedade" (: 350). O nominador é escolhido entre os parentes consangüíneos que são denominados *keti*, ou seja o irmão da

mãe, o pai da mãe, o pai do pai e seus primos paralelos. Mas existe uma forte preferência pelo irmão da mãe, no caso dos nomes masculinos, e pela irmã do pai, no caso feminino. A partir do momento que uma pessoa recebe o nome, ele tende a denominar as outras pessoas pelo mesmo termo de parentesco utilizado por quem lhe deu o nome, o que afeta a lateralidade do sistema. Finalmente, Melatti afirma que "cada nome pessoal seria como o nome de uma personagem. A sociedade Krahó seria constituída por um conjunto de personagens que, tais como a do teatro, seriam eternos, fadados a repetirem sempre o mesmo ato. Embora eternos, tais personagens seriam encarnados por atores diversos, que se sucederiam no tempo" (: 352). Tal procedimento, talvez, possa explicar o relato de diversas sociedades humanas que falam em indivíduos que viveram centenas de anos. Enfim, trata-se de um artigo extremamente estimulante que teve uma continuação em sua análise do parentesco Krahó, publicado em Maybury-Lewis, 1979.

As pesquisas sobre os Krahó, iniciadas no âmbito do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, como vimos, tiveram a sua continuidade na Universidade de Brasília, na qual Melatti foi admitido em janeiro de 1969. Realizou algumas etapas de campo ainda no início da década de 70. Numa destas, juntamente com Hans Foerthmann, realizou um documentário sobre a mitologia Krahó. Em meados dos setenta, no entanto, mudou o seu objeto de pesquisa. Os Marubo, grupo Pano, localizados no rio Javari, próximo a fronteira do Brasil com o Peru, passaram a ser alvo de seu interesse. Tratava-se, então, de um grupo bastante isolado, situado em uma área de acesso muito difícil. O local de estudo somente podia ser atingido após dias de viagem rio acima. Recordo-me de uma carta que me escreveu: "quem não conseguiu ser Evans-Pritchard aos 23 anos, não pode ser aos 40!". Essa é uma afirmação bem típica de Melatti que, embora seja um excelente trabalhador de campo, costuma considerar o mesmo como uma tarefa desagradável: "Eu sempre fui para o campo pensando em voltar para casa. Eu não apreciava muito a atividade de campo não, fazia por obrigação. Quanto aos Krahó, a decisão não foi minha, foi Cardoso quem os incluiu no projeto, onde colocava os nomes de quem faria cada pesquisa. Então, fui para os Krahó." (Meltti, 2002b: 199). O mesmo vai dizer de sua decisão de ir para os Marubo: "Cardoso ficou encantado com os Marubo. Então sugeriu que eu fizesse uma pesquisa com eles" (: 207).

Apesar dessas "lamentações", Melatti realizou um bom trabalho entre os Marubo – como fez entre os Krahó –, que resultou em vários artigos, dos

quais destacamos: "A origem dos brancos no mito de *Shoma Wetsa*" (1985); "*Wenia:* A origem Mitológica da Cultura Marubo" (1986); e "A Maloca Marubo: organização do espaço" (com Delvair Montaigner Melatti; 1986).

Foi na Universidade de Brasília que Melatti atingiu o ápice de sua vocação docente. Na verdade, ele já possuía uma razoável experiência. Aos 16 anos, em Petrópolis, era professor em um curso preparatório para admissão ao ginásio. Por um semestre, foi professor de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Em seguida permaneceu um ano no Estado de São Paulo, como Instrutor de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Ficou quase dois anos, em Niterói, como Auxiliar de Ensino de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal Fluminense. No ano de 1968, permaneceu no Museu Nacional com uma bolsa de pesquisa, até que em dezembro daquele mesmo ano, aceitou, juntamente comigo, o desafio de reorganizar o Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Foi com muito entusiasmo que participou da criação do curso de graduação em Ciências Sociais, em 1970, e do Programa de Pós Graduação em Antropologia, em 1972. Nessas três décadas teve numerosos alunos. Freqüentemente encontro profissionais realizados que relembram as aulas que assistiram e tecem os maiores elogios ao professor Melatti. Em junho de 1983, foi promovido a Professor Titular.

Orientou mais de duas dezenas de dissertações e teses, sendo considerado um orientador que sabe muito bem mesclar a paciência com a exigência. O resultado é que praticamente não há alunos que, sob a sua orientação, não tenham concluído os seus trabalhos. Como membro de bancas examinadoras de teses, ou de concursos, avaliou o trabalho de numerosos antropólogos que hoje são importantes na comunidade antropológica brasileira, como, por exemplo, Maria Manuela Carneiro da Cunha, João Pacheco de Oliveira Filho, George Zarur, José Reginaldo Santos Gonçalves, Renate Brigite Viertler, Maria Heloisa Fenelon Costa, Vanessa Lea, Ellen Woortmann e Mariza Peirano, entre outros. Constato, com alegria, que a primeira tese que examinou foi a minha própria, *Organização Social dos Tupi Contemporâneos*, aprovada pela USP, em 1972.

Uma das muitas qualidades de Melatti é a sua constante preocupação com a divulgação científica. Foi essa preocupação que o levou a escrever *Índios do Brasil*, um excelente manual antropológico sobre os índios brasileiros destinado a um público bastante amplo. No início dos anos 70, foi

responsável pela publicação de uma série denominada *Pesquisa Antropológica*, que possibilitou a divulgação de várias dissertações de mestrado. Nessa mesma época, dirigiu uma coluna semanal no *Jornal de Brasília*, com a finalidade de informar o grande público sobre temas da Antropologia. Contribuiu também para a realização de cursos à distância. Publicou, ainda, vários artigos de divulgação em revistas como *Atualidade Indígena* e *Ciência Hoje*.

Artigos de divulgação costumam ter uma vida curta, mas este não é o caso dos escritos de Melatti. Por exemplo, o seu artigo "De Nóbrega a Rondon; quatro séculos de política indigenista" (1977) constituiu um dos textos pioneiros sobre a história do indigenismo e ainda é muito consultado.

No que se refere à divulgação científica, não se deve esquecer da importância do volume que organizou sobre Radcliffe-Brown, na Coleção "Grandes Cientistas Sociais" da Ática, em 1978 (Melatti, 1978b). A sua introdução para este livro é um texto obrigatório nos cursos sobre a história da antropologia. Desempenhou um papel importante junto ao *Anuário Antropológico*, executando sozinho o trabalho de toda uma equipe de edição: corrigia os textos, reorganizava as bibliografias, digitava os mesmos, formatava, facilitando ao máximo a edição do mesmo.

Uma de suas características é gostar de enfrentar grande desafios. Mesmo antes de sua aposentadoria, em 1998, já trabalhava em um projeto tão ambicioso como o *Handbook of South American Indians*: a elaboração de um *Atlas Etnográfico da América do Sul*. Em um dado momento, percebeu que esta tarefa seria mais proveitosa se fosse possível divulgar parceladamente o resultado de sua pesquisa. Organizou então um curso de extensão, que tem oferecido com regularidade na Universidade de Brasília: *Índios da América do Sul – Áreas Etnográficas*. Todo o material utilizado é o resultado de seu trabalho no projeto maior e que encontra-se à disposição do público em sua página na internet: http://www.geocities.com/RainForest/Jungle/6885/ias.htm. Em curto período, foi responsável pela organização de uma enciclopédia virtual dos povos indígenas brasileiros. Irritado com o atraso na conclusão dos verbetes pelos autores convidados, desligou-se do Instituto Sócio Ambiental, organização não governamental idealizadora do projeto. Os verbetes concluídos, contudo, estão disponíveis em http://www.socioambiental.org/website/pib/portugues/quonqua/cadapovo.htm.

Em 1998, a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), reconhecendo os seus méritos como pesquisador e professor lhe

conferiu o Prêmio de Excelência Acadêmica "Fausto Alvim". No ano seguinte, foi a própria Universidade que expressou o seu reconhecimento conferindo-lhe o título de Professor Emérito. Em 15 de agosto de 2002, o Presidente da República o admitiu na Ordem Nacional do Mérito Científico, na qualidade de Comendador. Essas três honrarias expressam o reconhecimento de seus pares, de sua instituição e de seu país. Nada mais justo, pois premiam aquele que se distinguiu pela sua dedicação à vida acadêmica, expressada pela sua seriedade na atividade docente e na realização de excelentes trabalhos de pesquisa que resultaram em uma notável produtividade científica, reconhecida no Brasil e no exterior.

Enfim, este texto procurou descrever o itinerário de um antropólogo desde que deixou a sua Petrópolis natal para estudar os índios do cerrado e da Amazônia ocidental. Mais do que um texto crítico é também o reconhecimento das qualidades pessoais de Melatti: o seu caráter ilibado, a sua inesgotável disposição para ser solidário sem deixar de ser justo e, sobretudo, a sua ética profissional e privada. Para mim é uma honra e um prazer ter sido seu amigo nos últimos 41 anos.

BIBLIOGRAFIA

LÉVI-STRAUSS, Claude et al. 1970. *Mito e Linguagem Social: ensaios de Antropologia Estrutural.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LYON, Patricia J. 1974. *Native South Americans: Ethnology of the least known Continent.* Boston: Little, Brown and Co.

MAYBURY-LEWIS, David. 1979. *Dialectical Societies: The Gê and Bororo of central Brazil.* Harvard: University Press.

MELATTI, J. C. 1963. O Mito e o Xamã. *Revista do Museu Paulista,* NS, 14: 60-70.

____. 1967. *Índios e Criadores: a situação dos Krahó na área pastoril do Tocantins.* Rio de Janeiro: UFRJ (Monografias do Instituto de Ciências Sociais, 3).

____. 1968. Nominadores e Genitores: um aspecto do dualismo Krahó. *Verhandlugerdes XXXVIII Internationalen Amerikanistenkongress,* Stuttgart – München, 12, bis 18, v. III: 347-353.

____. 1970. *Índios do Brasil.* Brasília: Editora Coordenada.

____. 1972. *Messianismo Krahó.* São Paulo: Editora Herder.

____. 1977. De Nóbrega a Rondon; quatro séculos de política indígenista. *Revista Atualidade Indígena,* Ano I, n? 3: 38-45.

____. 1978a. *Ritos de uma Tribo Timbira.* São Paulo: Ática

——. 1978b. *Radcliffe-Brown*. São Paulo: Ática (Col. "Grandes Cientistas Sociais").

——. 1985. A origem dos brancos no mito de *Shoma Wetsa*. *Anuário Antropológico/84*: 109-173.

——. 1986. *Wenia:* a origem mitológica da cultura Marubo. *Série Antropologia*, n. 54 (Brasília: DAN/UnB).

——. 2002a. Diálogos Jê: a pesquisa Krahó e o Projeto Harvard-Museu Nacional. *Mana*, 8(1): 181-193.

——. 2002b. Dos Krahó aos Marubo: a aventura etnográfica (entrevista). *Mana*, 8(1): 195-211.

MELATTI, J. C. & Delvair Montaigner MELATTI. 1986. A Maloca Marubo: organização do espaço. *Revista de Antropologia*, 29.

SCHADEN, Egon (org.). 1976. *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.